

Revista *Livro de Cabeceira do Homem*: diálogo entre o jornalismo e a literatura em João Antônio

Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho*

Índice

1	Ênio Silveira e o <i>Livro de Cabeceira do Homem</i>	2
2	Livro de Cabeceira do Homem: autores, textos e temas	4
3	João Antônio, jornalismo e literatura no <i>Livro de Cabeceira do Homem</i>	6
3.1	Cidade de Deus e do diabo	8
3.2	Saudades do Brega	9
3.3	A agonia das gafeiras	10
4	Considerações finais	11
5	Bibliografia	11

*Professor Ms. UEPB, doutorando Letras UNESP/Assis/SP e bolsista CNPq. Autor do livro “João Antônio, repórter de *Realidade*”(João Pessoa: Idéia, 2002). E-mail: carlosazv@bol.com.br

Resumo

A partir da experiência da *Revista Civilização Brasileira* (que circulou de 1965 a 1968), a editora Civilização Brasileira lançou em meados da década de 70 a revista *Livro de Cabeceira do Homem*. Para editar a revista, Ênio Silveira, diretor da Civilização Brasileira, convidou o jornalista e escritor João Antônio, autor do livro consagrado de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). Atuando na imprensa e na literatura, João Antônio destaca-se no Brasil como um dos principais contistas contemporâneos e como um dos representantes no Brasil do chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*), corrente que dialoga com as técnicas textuais da literatura. Interessa-nos entender as edições de *Livro de Cabeceira do Homem* como representação de um movimento de luta pela democracia num país em que a imprensa estava censurada e o Estado de Direito em suspenso. Especificamente, estudamos a participação de João Antônio como repórter, contista e editor da revista, tendo publicado no periódico três textos: “Os testamentos de Cidade de Deus”, “Saudades do Brega” e “A agonia das gafieiras”.

Palavras chaves: jornalismo, literatura, editoração.

1 Ênio Silveira e o *Livro de Cabeceira do Homem*

No livro *A Revista no Brasil*, publicado pela Editora Abril em 2000, faz-se um amplo levantamento sobre o magazine no país, colocando-se a figura do intelectual Ênio Silveira (1925-1996) como o mais “influente editor de esquerda entre os anos de 1950 e 1970”. De fato, seguindo a tradição nacionalista de Monteiro Lobato, Ênio Silveira de certa forma, a partir do golpe militar de 1964, organizou a resistência democrática de esquerda publicando revistas e revelando autores. Tal ousadia foi reprimida com “sete prisões durante o regime militar”. Ênio Silveira fundou depois

do golpe a revista *Civilização Brasileira*, que foi fechada com a decretação do Ato Institucional nº 5(AI-5), em 1968.

O próprio Ênio Silveira em entrevista a FRANÇA(1990:6) reconhece o papel marcante da sua editora em relação ao cenário político e cultural das décadas de 60 e 70:

Sentindo e intuindo que o processo de transformação estava cada vez mais rápido, lancei-me ainda mais abertamente nessa luta, lançando coleções que fizeram história na vida cultural brasileira (...) Essas obras foram amplamente discutidas dentro do processo de agitação intelectual e política da qual a *Civilização Brasileira* participou de forma marcante. É claro que isso irritou profundamente aquelas pessoas que, mais tarde, com o Golpe de 64, viriam a ser as autoridades no poder. Tanto assim é que, logo após o golpe militar, tive cassados todos os meus direitos políticos por dez anos e passei por uma série de prisões e processos arbitrários. Fui preso por sete vezes, entre 1964 e 1969, e levado quatro vezes perante tribunais militares.

Num antológico artigo-manifesto que teve como título “Por Quê e Para Quê”, abrindo o primeiro número da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, em junho de 1978, o editor Ênio Silveira se mostra otimista em relação ao processo de luta pela democracia no país:

Embora ainda pesem sobre a vida nacional sombrias cargas de arbitrariedade e violência, torna-se cada vez mais forte o amplo movimento de opinião pública que, lutando em todas as áreas pelas liberdades democráticas, vem conquistando aberturas que já permitem ampliar o ostensivo debate de idéias, essencial ao progresso cultural do país.

Para que se chegasse a esse nível de liberdade, em que o embate de idéias fosse relativamente livre, ainda na década de 70, experiências como o *Livro de Cabeceira do Homem* e *Livro de Cabeceira da Mulher*, editados respectivamente pelo escritor e jornalista João Antônio (1937-1996) e por Thereza Cesário Alvim e publicados pela Editora Civilização, foram fundamentais.

2 Livro de Cabeceira do Homem: autores, textos e temas

Um capítulo pouco estudado da imprensa de resistência da década de 70 no Brasil é a revista *Livro de Cabeceira do Homem*, publicação bimestral, em formato de livro (14X21), 200 páginas no máximo, com “reportagens, crônicas, confissões, entrevista, contos, humorismo: os bons e os maus flagrantes da realidade”. As capas eram de autoria de Douné e seguiam uma identidade gráfica de um número para o outro. *Livro de Cabeceira do Homem* segue o formato e linha editorial traçado por Ênio Silveira para ser um espaço de debate sobre a atualidade brasileira. De certa forma, o *Livro de Cabeceira do Homem* (1975) segue a trilha aberta pela revista *Civilização Brasileira* (1965-1968) e tem continuidade com *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-1980).

Quais eram os colaboradores da revista LCH? Com que frequência escreviam? Quais os temas abordados? Quais os gêneros literários ou jornalísticos dos textos publicados? Para responder tais perguntas fizemos um levantamento volume por volume da revista *Livro de Cabeceira do Homem*.

Livro de C. do Homem 1	Livro de C. do Homem 2	Livro de C. do Homem 3
ANDRADE, C. D. / Poesia	CASTRO, M./reportagem	NUNES, C./ Poesia
BORBA FILHO, H./ Perfil	SOUZA, C. R./ reportagem	MOURA, B./Reportagem
ANTÔNIO, J./Reportagem	SOUZA, L. C./ Perfil	ANTÔNIO, J./Reportagem
BARROSO, J./Reportagem	SANT' ANNA, S./ conto	QUINTELA, A./ Entrevista
ORWELL, G./Conto	NASCIMENTO, M./ Música	GALEANO, E./Conto
VELOSO, C./ Música	ANTÔNIO, J./Reportagem	FONTA, E./Entrevista
CASTELLO BRANCO, J./reportagem	PIROLI, W./Conto	CARBONIERI, M./Conto
PELLEGRINI, D./conto	JAGUAR/Humor	BOCCHINI, S./Reportagem
SILVA, A./reportagem	GRUNIWALD, J. L./Perfil	SILVA, A./Perfil
TINHORÃO, J. R./ensaio	RIBEYRO, J. R./Conto	BARROSO, J./Conto
LOUZEIRO, J./reportagem	MARTINS, S/Reportagem	FRANCIS, P./Memórias
BATAGLIA, V. /reportagem	PORTO, S./Crônica	LOUZEIRO, J./Reportagem
	VIEIRA, H./Perfil	
	CONY, C. H./Conto	

Tabela com colaboradores / gênero textual

Como se vê, os colaboradores mais assíduos eram o próprio editor do *Livro de Cabeceira do Homem*, João Antônio (com textos publicados nos três números) e também os repórteres Juarez Barroso, José Louzeiro e Aguinaldo Silva, todos com dois textos.

Em uma breve análise dos gêneros literários e jornalísticos dos textos publicados na revista, notamos a predominância da reportagem, mas também a presença da literatura através do conto. Não hesitamos em classificar a revista como um terreno fértil que opera como veículo que possibilita o diálogo entre a literatura e jornalismo. Em alguns casos, temos escritores consagrados praticando a reportagem, como é o caso de Aguinaldo Silva, João Antônio e Hermilo Borba Filho. Em outros, vemos um repórter como Juarez Barroso publicar uma reportagem num número e em outro um conto.

Em relação às temáticas presente nas três edições da revista *Livro de Cabeceira do Homem* notamos que as reportagens tentam compreender o Brasil da década de 70, descortinando temas como a periferia, o futebol, a música através dos sambistas, a questão agrária etc. A reportagem surge como desvendamento do real e também como denúncia. O gênero jornalístico perfil é bem utilizado nos três volumes do LCH, retratando a vida de homens como Dom Hélder Câmara, Madame Satã, João Guaraciaba, Alceu Amoroso Lima, Carlos Gardel e Francisco Franco.

3 João Antônio, jornalismo e literatura no *Livro de Cabeceira do Homem*

“(...) tudo é e não é literatura, quer dizer, não há hierarquia estabelecida entre os objetos que constituem a matéria literária de João Antônio, mas, ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, tudo pode servir como matéria para a expressão literária(...)” (João Alexandre Barbosa)

Um dos principais contistas contemporâneos, João Antônio (1937-1996) também militou no jornalismo brasileiro. Ele transitou pelos grandes jornais e revistas nacionais e também se fez presente na chamada imprensa alternativa (*O Pasquim*, *Bondinho*, *Ex* etc). Em estudo anterior, AZEVEDO FILHO (2002), provamos que a ficção de João Antônio relaciona-se frontalmente com o jornalismo, chegando a configurar uma escrita híbrida, marcado pela ambigüidade e pelo relacionamento entre real e imaginário:

(...) o jornalismo na vida de João Antônio não atravancava sua produção literária. Pelo contrário, as duas áreas de certa maneira se complementavam. Como um dos pioneiros a trabalhar no Brasil dentro da filosofia do chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*), modelo norte-americano que usava técnicas da literatura para humanizar as reportagens, João Antônio publicou vários livros quase essencialmente jornalísticos, como por exemplo *Malhação de Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976), reunindo o melhor da sua produção veiculada anteriormente em jornais e revistas. Publicou outros de difícil classificação como *Lambões de Caçarola* (1978) e *Ô Copacabana!* (1978) que mesclavam jornalismo e literatura bem na tendência do experimentalismo com a mistura de gêneros da década de 70.

Quando o diretor da editora Civilização Brasileira, Ênio Silveira convidou João Antônio para editar a revista *Livro de Cabeceira do Homem* o jornalista e escritor já era consagrado como um dos talentos da moderna ficção brasileira, por conta da publicação de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* em 1963, pela mesma editora.

João Antônio irá publicar três textos no *Livro de Cabeceira do Homem*. O primeiro deles é uma reportagem: *Os testemunhos de Cidade de Deus*, que tratado processo governamental de desfavecimento do Rio de Janeiro visto pelos moradores do subúrbio carioca, traz fotografias de Jorge Aguiar. O segundo texto, também

uma reportagem, denominado “Saudades do Brega”, desloca-se da grande metrópole carioca para a cidade de Londrina, no interior do Paraná. Ele traz dessa vez ao invés de fotografias, ilustrações de Benjamin, artista gráfico do Rio de Janeiro. A última reportagem de João Antônio no LCH retorna ao Rio de Janeiro, com o auxílio do fotojornalista Marco Vinício, para escrever sobre a “Agonia das Gafieiras”.

3.1 Cidade de Deus e do diabo

Os testemunhos de Cidade de Deus (1975) é uma espécie de pré-história do lugar que inspirou o escritor Paulo Lins a escrever o consagrado romance *Cidade de Deus* (1997), também adaptado para o cinema por Fernando Meirelles. Uma curiosidade é que João Antônio aproveitou o texto publicado em revista para o seu novo livro, de 1976, chamado *Casa de Loucos*, um dos mais jornalísticos, resultado da compilação de escritos publicados na coluna “Corpo-a-corpo”, no jornal *Última Hora*.

Em *Os testemunhos de Cidade de Deus* o escritor João Antônio lança-se na reportagem com a mesma gana que um Lima Barreto teve ao desvendar o espaço urbano carioca como desigual. Construindo a narrativa jornalística a partir de micro-perfis de moradores de Cidade de Deus, João Antônio lança um olhar amoroso sobre as misérias nacionais, resgatando o humano do espaço desumano. Não é a toa que o próprio editor Ênio SILVEIRA (1976), na orelha do livro *Casa de Loucos* mostra que João Antônio:

Rigorosamente fiel a si próprio e ao sentido que decidiu imprimir a sua carreira literária, João Antônio, emulo declarado de Lima Barreto, mais e mais abandona as elevadas atitudes do formalismo estilístico, ou os vales sombrios e profundos de seus próprios conflitos interiores, para sair em campo-repórter-com olhos para ver, coração para sentir e cabeça para pensar. Em todos os seus livros, tanto nos de ficção como

neste *Casa de Loucos* João Antônio se revela intelectual conseqüente, que tem raízes fixadas no solo fértil da espantosa e contraditória realidade nacional (...) Há trechos em *Casa de Loucos* que ficarão para sempre gravados em nossa memória (...) *Testemunho de Cidade de Deus* é um deles

3.2 Saudades do Brega

A obra jornalístico-literária de João Antônio vem despertando interesse da academia e das grandes editoras. Os livros do escritor estão sendo relançados, desde 2001, pela editora *Cosac Naify*. Já foram publicados *Abraçado ao meu rancor* (em 2001), *Ô, Copacabana!* (2001), *Leão de Chácara* (em 2002), *Dedo-duro* (em 2003) e *Malagueta, Perus e Bacanaço* (em 2004). A editora já anuncia também que sairão *Contos Inéditos* e a novela *Comprados e Vendidos*, sobre jornalismo. Muitas pesquisas (de iniciação científica, de mestrado e doutorado) estão sendo feitas na cidade de Assis, interior de São Paulo, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), todos vinculados ao Acervo João Antônio (AJA).

Saudades do Brega é um texto que diz muito sobre a carreira jornalística de João Antônio. Na década de 70, juntamente com outros profissionais, ele foi para Londrina, interior do Paraná, para ajudar a fundar um jornal chamado *Panorama*. A experiência não deu muito certo, mas João Antônio publicou alguns textos na imprensa paranaense, conforme MAGNONI (s/d: 617-618):

O ano de 1975 foi muito marcante na vida de João Antônio. Convidado pelo jornalista Narciso Kalili, por sugestão do amigo Mylton Severiano (hoje, em *Caros Amigos*), foi para Londrina, PR, integrando a equipe que implantaria o jornal *Panorama*, de propriedade do ex-governador paranaense Paulo Pimentel. A experiência não vingou, mas João Antônio não ficaria sem trabalho. Foi convidado para editar o *Livro de Cabeceira do Homem*, na Editora Civilização

Brasileira. Também veria, no mesmo ano, o lançamento de duas reedições subseqüentes de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*.

Provavelmente *Saudades do Brega* é fruto desta temporada de João Antônio em Londrina. Quando João Antônio conheceu Londrina, a cidade já não mais respirava a febre da súbita prosperidade advinda do plantio e comercialização do café. A reportagem escrita por João Antônio revive através de relatos a cidade entre os anos de 1949 a 1953, época em que os bordéis (brega) reuniam coronéis, prostitutas, cafetinas, malandros, jogadores, gigolôs, trabalhadores etc. Não é a primeira vez que João Antônio escreve sobre prostituição. No conto-reportagem *Um dia no Cais*, publicado na revista *Realidade*, em setembro de 1968, Odete Cadilaque e Rita Pavuna disputam fregueses. O conto-reportagem *Um dia no Cais* é encarado como momento máximo do *New Journalism* no Brasil. Em *Sete Vezes Rua* (1996), o conto *Mariazinha Tiro a Esmo* é um retrato da prostituta pobre no Rio de Janeiro.

3.3 A agonia das gafieiras

A agonia das gafieiras é uma reportagem sobre um tempo que passou. Assim como *Os testemunhos de Cidade de Deus* e *Saudades do Brega*, no primeiro o saudosismo dos ex-favelados e então moradores dos conjuntos residenciais da COHAB e no segundo uma viagem no tempo em que Londrina era próspera por conta do café na década de 50, a reportagem de João Antônio joga bem com a relação passado e presente.

O ambiente é o Rio de Janeiro dos anos 40. As gafieiras como local de encontro e divertimento do povo. O progresso com a desfigurações do centro urbano do Rio de Janeiro e a derrubada dos casarões que sediavam as gafieiras. No entanto, o jornalista o reconstitui com os olhos da década de 70 e com “o bom auxílio dos veteranos” (p.20). Na contramão do jornalismo efêmero que mal enxerga o presente, o passado é fonte de conhecimento e é também uma forma de ler em contraste o presente.

4 Considerações finais

Neste breve artigo tentamos reconstituir o contexto político-cultural que gerou o *Livro de Cabeceira do Homem* como um espaço de luta democrática em um país em que a imprensa estava censurada e o Estado de Direito em suspenso. Especificamente, a atuação de João Antônio como editor e repórter da revista, bem como as relações entre literatura e jornalismo nos anos 70.

Nas três reportagens, o jornalista retrata os espaços da coletividade no Brasil (a favela carioca, a cidade próspera do interior paranaense e a gafeira). Um certo tom saudosista permeia os três escritos, revelando todo o fascínio e desespero com a modernidade, que desfigura cenários e os coloca na memória coletiva, memória de um tempo que não volta mais. Um tempo perdido e a reportagem jornalística, dialogando com o presente, passado e futuro.

5 Bibliografia

- ANTÔNIO, João. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio, repórter de Realidade*. João Pessoa, PB: Idéia, 2002.
- A REVISTA NO BRASIL. São Paulo: Abril, 2000.
- BARBOSA, João Alexandre. *Prosa de uma consciência*. IN: ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- FRANÇA, Paulo. *Ênio Silveira: Amigos, amigos, história à parte*. São Paulo: Revista Leia. Ano XII, nº 143, setembro de 1990.

LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM. Nova fase- volume 1.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM. Nova fase-volume 2.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM. Nova fase-volume 3.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MAGNONI, Maria Saete. *João Antônio* Coleção Rebeldes Brasileiros, volume 2. São Paulo: Casa Amarela, s/d.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção Comunicação)

SILVEIRA, Ênio. *Momentos Decisivos*. IN: ANTÔNIO, João. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.